

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Zero Hora

Class.: Guaraní Dourados

Data: 25.01.93

Pg.: GIR 00789

# Trilha sombria marca os caiuás

Um conflito de líderes indígenas leva a mortes, corrupção e alcoolismo na Reserva de Dourados, em Mato Grosso do Sul

ELIANE BRUM

Dourados, Mato Grosso do Sul — O índio caiuí Narcísio Daniel, 45 anos, um evangelista da Igreja Presbiteriana, olha para o horizonte. Promete esquecer as leis do Deus dos brancos e jura entrar em guerra, para que seu povo volte a ter paz e as cantorias na língua guarani rompam o silêncio de uma terra sem pássaros.

Os 8.760 índios caiuás, guaranis e terenas da Reserva Indígena de Dourados vão lutar novamente. Ao fundo de um conflito de lideranças se desenha uma trilha sombria de suicídios, tráfico de drogas, alcoolismo, estupro, seitas religiosas, corrupção e abuso de poder. Por trás da disputa de comando, está a confusão cultural de índios que esqueceram como se faz arco-e-flecha. Narcísio teve que encomendar as armas usadas pelos seus avós nos tempos em que o Mato Grosso do Sul (MS) tinha matas sem fronteiras. O seu ataque será respondido com balas de revólver.

A reserva, localizada no município de Dourados, abriga duas aldeias — Jaguapirú e Bororó — em 3.519 hectares demarcados em 1934 pelo marechal Cândido Rondon. O ano de 1992 deixou de herança um tempo de pouca chuva e 13 suicídios. Mais de um por mês. As mortes tiveram em comum dois fatores: índios jovens e o mesmo método, por enforcamento e envenenamento. A morte do filho de Narcísio, Paulinho Daniel, 21 anos, em agosto de 1992, foi o estopim do conflito que anuncia agora mais uma batalha. Paulinho amanheceu enforcado em um galho de goiabeira. No dia seguinte, sua mulher, Elizabeth, matou-se. A filha de pouco mais de um ano, Étilda, é toda a herança de seu avô.

**MISÉRIA** — Na terra avermelhada da reserva, o sol inclemente se derrama sobre as lavouras que se perdem no horizonte. É neste chão seco a sombra das matas, sem o rastro dos bichos e o silvo dos pássaros que Narcísio e a esposa Hilda criam 14 filhos — alguns do seu sangue, outros herdeiros dos que morreram nas estradinhas barrentas da aldeia. A fome, a maçaquina Chica, meia dúzia de gatos, uma ema e dois urubus lhe fazem companhia. "Que saudade do matto que os ganchos levaram embora. Agora quase nem chove mais", comenta Narcísio.

Os brancos arrendam mais de 40% da terra, em troca de apenas 10% da produção. Há cinco boli-

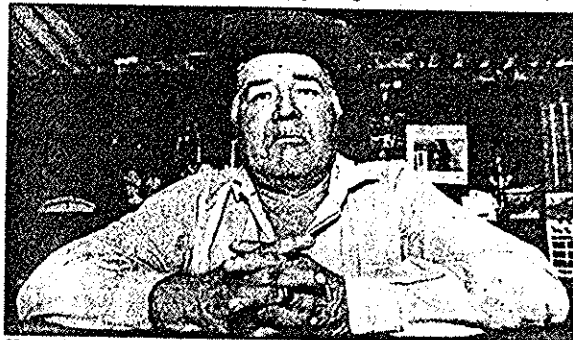


Vidas sem sombra: Narcísio (sentado e de camisa branca) criou 14 filhos, alguns legítimos e outros herdados, numa terra

chos que prosperam graças à espuma da cerveja e ao amargor da pinga, levando a maioria dos índios ao alcoolismo e à miséria. No bar do Rodolfo, onde aos sábados índios e brancos ensaiam passos de xote e vanerão, o salário dos jovens índios que trabalham nas grandes fazendas da região chega e vai embora. "O Rodolfo é quem paga os salários e já desconta o fiado. Se passa um dia já dobra o preço da conta. Não sobra nada. Ficam as famílias passando fome", conta Narcísio. Atrás do balcão de madeira, Rodolfo Freitas, 62 anos, branco, bigodudo e de olhos esverdeados, jura ser um puro índio terena.

**DROGAS** — No bolicho do Rodolfo, conta Narcísio, a droga chega do Paraguai e é distribuída na reserva. Os índios compram um cigarro de maconha por Cr\$ 20 mil. Sentado na cadeira de funcionário da Fundação Nacional do Índio (Funai) no posto da reserva de Dourados, o ex-capitão Ailton de Oliveira, 40 anos, mais conhecido como Biguá, nega as acusações de assassinato, tráfico de drogas e corrupção.

Na mesa ao lado, um ofício enumera 38 suicídios ocorridos de 1986 até março de 1992. Os suicidas têm entre 13 e 37 anos. 13 são mulheres, nove escolheram veneno contra lagarta e o restante optou por uma corda num dos galhos das escassas árvores da aldeia. Os 13 suicídios de 1992 ainda não foram relatados.



Matemática cruel: Rodolfo dobra os preços de quem atrasa o fiado

### Capitão faz acusação à Funai

A morte de Paulinho Daniel não representa o fim de uma tragédia que tem o jovem índio como símbolo. Em 6 de agosto de 1992, Paulinho voltou de um carnaval na região de Rio Brilhante (MS) para passar o Dia dos Pais em companhia da família. No bolso, os Cr\$ 900 mil ganhos após três meses de trabalho. Quando entrou na aldeia Jaguapirú, descobriu que o então capitão Biguá tinha tomado a maior parte do seu lote de terra. Desesperado, discutiu com os conselheiros de Biguá e foi perseguido.

O pai, Narcísio Daniel, não acredita em enforcamento e acusa Biguá de assassinato. Com mais de 200 índios caiuás e guaranis, derru-

bou os oito anos de poder de Biguá e instalou o guarani Renato de Souza no posto de capitão. Meses mais tarde, duas índias, mãe e filha, foram estupradas no cemitério da aldeia por dois homens embriagados. Os acusados: Souza e seu secretário de Administração, Wilson Matos da Silva. Nos primeiros dias deste mês, Narcísio e seus seguidores derrubaram Souza. Em reunião no posto da Funai, Narcísio assumiu o posto de capitão.

No mesmo dia, Narcísio avistou da porta do seu casebre a chegada do veículo da Funai. Recebeu dos visitantes uma punhalada na nuca. Foi carregado por Wilson e seus companheiros até a prisão do posto.

### Solidão e morte de uma família

A choça de palha da família Ramires é escondida pelas roças de milho e de soja e os caminhos se estreitam no solo avermelhado da aldeia Bororó, dificultando o acesso de estranhos. A casa dos Ramires já esteve plantada em melhor posição. No tempo em que os galhos das árvores eram feitos para a sombra e não para o ofício de carrasco. No tempo em que três Ramires não tinham seus nomes gravados à máquina na burocrática lista de suicidas do posto da Funai.

Helena Ramires foi a primeira. Aos 18 anos, se enforcou logo após o suicídio do marido, em 27 de setembro de 1990. A filhinha morreu de doença pouco tempo depois. Maura Ramires foi a segunda, em 2 de fevereiro de 1991, aos 16 anos. Oridio Ramires se enforcou em 27 de março de 1992, aos 13 anos, no mesmo dia em que a primeira das irmãs se suicidou. Os Ramires abandonaram o lugar maldito e hoje guardam a solidão em companhia de uma filha de sete anos.

"Eu não tenho coragem de tomar veneno ou me enforcar. Não sei porque eles morreram", diz a mãe, Altina. O pai explica: "Morreram de tosse e de diarreia".